



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, segunda-feira, 31 de janeiro de 2011

A CRITICA

Desequilíbrios mundiais 1
ECONOMIA

A CRITICA

1º Viagem 2
ECONOMIA

AMAZONAS EM TEMPO

Moeda única 3
ECONOMIA

AMAZONAS EM TEMPO

Carlos Aguiar 4
PLATÉIA

Desequilíbrios mundiais

O termo desequilíbrio, neste caso, refere-se aos déficits comerciais (quando o saldo das exportações menos importações é negativo) que tem afetado as economias de muitos países, especialmente a dos Estados Unidos (EUA). Isso leva ao outro agravante, o de um grande superávit comercial (quando o saldo das exportações menos importações é positivo) nos países emergentes, como a China. A "guerra das moedas" parece não ser o problema no momento.

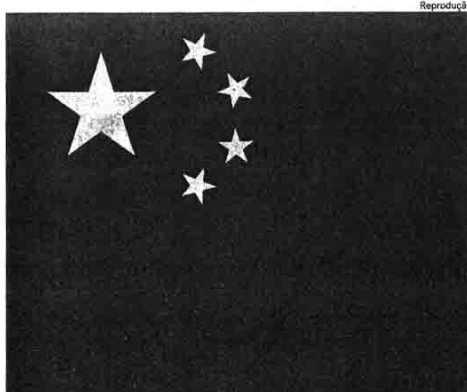
A maioria dos economistas concorda que, se os líderes mundiais não trabalharem para reduzir os desequilíbrios econômicos globais, a probabilidade de uma nova crise econômica global é bastante provável. É claro que os crescentes déficits dos EUA e os superávits na China não podem continuar para sempre. No entanto, parece que os líderes globais não estão tomando as medidas adequadas para corrigir esses desequilíbrios no curto prazo.

Exportar mais do que o im-

Vantagem desleal

A maioria dos países do ocidente é unânime em afirmar que o Yuan, ao ser mantido artificialmente barato, dá aos exportadores da República Popular da China uma vantagem desleal perante todos os demais países.

portar é visto como uma coisa boa para a China, mas isso é o que todos querem. Na verdade, o sucesso econômico daquele país já tirou milhões de pessoas da linha da pobreza. Entretanto, esses enormes excedentes estão alimentando as pressões inflacionárias na China e também aumentando os riscos de surgirem bolhas especulativas. Esses dois fatores levam ao aumento da incerteza quanto à estabilidade financeira global. Um dos problemas é que o superávit da China baseia-se, principalmente, no consumo dos EUA, que em contrapartida tem um déficit comercial que deverá ser financia-



Reprodução

do por meio da venda de ativos (títulos da dívida do Tesouro). Mesmo que os EUA não sofram uma crise de dívida, os seus cidadãos deverão perceber que o seu dinheiro está valendo menos no mercado mundial. Isso irá ocorrer, ou já está ocorrendo, se o déficit na balança comercial continuar crescendo e os preços dos produtos importados e com-

modities (petróleo e alimentos, por exemplo) aumentarem de preços. Tendo problemas com a inflação, o FED seria forçado a elevar as taxas de juros, limitando o crescimento econômico.

Portanto, a "guerra das moedas" nada mais é senão o produto desses desequilíbrios comerciais, isto é, o consumo excessivo dos EUA e as baixas taxas de con-

sumo interno na China. A prova disso é o elevado déficit comercial que os EUA têm com a maioria dos seus parceiros comerciais, incluindo aqueles com taxa de câmbio flutuante. Já com o Brasil, essa relação comercial tem sido proveitosa em favor dos gringos, pois nos últimos dois anos eles obtiveram superávit comercial. Fica claro que a condição para que os EUA possam estabelecer um equilíbrio é por meio da redução dos seus gastos. Por outro lado, o Governo chinês estuda mecanismos para estimular os cidadãos chineses a aumentarem o consumo. O objetivo é evitar, ou pelo menos atenuar, os efeitos drásticos que a redução do consumo dos estadunidenses poderia causar na China.

LIÇÕES DA CRISE DE 2008

Depois da crise de 2008, os cidadãos dos EUA parecem ter aprendido um pouco sobre finanças pessoais. Há agora certa preocupação com algo que antes nem passava pela cabeça dos yankees: aposentadoria e fundos de reserva. Depois da crise, eles passaram a enxergar

um futuro sem tanta abundância. Agora, estão compreendendo que aposentar com segurança é algo fundamental. Com a crise, viram que seus empregos não estão garantidos e que eles podem perdê-los a qualquer momento. Diante dessas situações, é preciso formar reservas financeiras e garantir uma renda mínima. No entanto, para fazer isso é preciso poupar e para tanto, é preciso cortar gastos. Ora, para quem está acostumado a gastar mais de 20% acima de tudo o que recebe, um corte drástico nas despesas é algo bem difícil de fazer.

Para atingir esses objetivos, não há outra coisa a fazer senão moderar o consumo. Nessa mesma linha, o presidente do FED (Banco Central dos Estados Unidos) disse que será muito difícil restabelecer o equilíbrio via taxa de câmbio, ou seja, valorizar o dólar. Para ele, devem ocorrer mudanças estruturais em ambos os lados (China e EUA). Isso significa que os EUA devem reduzir o consumo enquanto a China deve aumentá-lo.

1º Viagem

Dilma não descarta que real possa desvalorizar no futuro

Possibilidade preocupa argentinos devido aos laços comerciais entre os dois países

SÃO PAULO (REUTERS) - A taxa de câmbio tem oscilado pouco no Brasil, mas não se pode descartar uma desvalorização do real no futuro, disse a presidente Dilma Rousseff de acordo com entrevista publicada por jornais argentinos ontem.

Perguntada se poderia afirmar que o real não vai se desvalorizar, possibilidade que preocupa os argentinos devido aos laços comerciais entre os dois países, ela respondeu: "No mundo, ninguém pode dizer isso." "Nos últi-

mos tempos, conseguimos manter o dólar dentro de uma faixa de flutuação. Ou seja, não tivemos nenhum derretimento como se falou por aí. Oscilou todo o tempo entre 1,6 e 1,7 (real por dólar). Agora, ninguém no mundo pode dizer que garante isso (a não desvalorização)", afirmou Dilma, de acordo com a edição eletrônica do jornal "La Nación". Na sexta-feira, o dólar fechou a 1,685 real.

Dilma se reúne com a presidente argentina, Cristina Kirchner, na manhã de hoje. É a sua primeira

Busca rápida



Encontro com mães da Praça de Maio

De acordo com o jornal "Clarín", Dilma também deve se encontrar com as Mães e Avós da Praça de Maio, grupo ligado às buscas pelos desaparecidos na última ditadura militar.



A presidenta está na Argentina em sua primeira viagem internacional

viagem internacional. Entre os assuntos a serem abordados está a assinatura de um acordo para a construção de um reator nuclear.

Na entrevista aos jornais argentinos, Dilma afirmou também que "não vai negociar os direitos humanos e não fará concessões nesta área", citando casos como de Abu Ghraib e Guantánamo, envolvendo os Estados Unidos, e a sentença de morte por apedrejamento determinada no Irã. Questionada sobre Cuba, Dilma afirmou que o País deu um "passo à frente" com a libertação de presos políticos.

"Em Cuba prefiro dizer que existe um processo de transformação e acho que todos os países deveriam incentivar esse processo... Não tenho nenhum problema em dizer que algo está ruim por lá, ou aqui também, porque nós não somos um País que não tem dívidas com os direitos humanos; nós as temos."

Moeda única

Alemanha e França voltam a defender o euro em Davos

Davos (AE) - Se dependesse apenas da vontade política dos principais governos da zona do euro, o projeto da moeda única europeia já estaria a salvo. Na quinta-feira, o presidente da França Nicolas Sarkozy disse que o euro jamais será abandonado pelos europeus. Na sexta-feira, foi a vez de Christine Lagarde e Wolfgang Schäuble, respectivamente ministros das Finanças da França e da Alemanha, afirmarem que a resposta europeia à crise da dívida dos países periféricos (como Grécia e Irlanda) foi adequada, e que o pior já passou.

Christine declarou que "estamos indo na mesma direção, produzindo significativas reformas, e estamos determinados a retomar o trabalho onde

ele foi deixado incompleto". Num debate sobre a economia global em que, além da elegância aristocrática, demonstrou ter uma língua afiadíssima, a ministra francesa deu duas estocadas no americano Robert Diamond, principal executivo do banco britânico Barclays.

Na primeira, ela repreendeu o banqueiro quando este disse que a crise europeia tinha passado da fase aguda para a crônica. Para Christine, a crise já está superada com medidas como a criação em uma semana do Fundo Europeu de Estabilização, de US\$ 600 bilhões. Ela ressaltou a recuperação da confiança nos títulos europeus, e afirmou que o continente já tinha "dobrado a esquina" em relação à crise.

Quando Diamond disse que "agradecia de coração" aos governos dos países afetados pela crise pelas políticas que ajudaram a superar a turbulência, Christine retrucou que "a melhor maneira (dos bancos) dizerem obrigado é começar a emprestar, manter a remuneração (dos executivos) num nível razoável e melhorar os níveis de capitalização".

Schauble, por sua vez, disse que, mesmo sem uma política fiscal comum, a zona do euro está montando o conjunto de ferramentas necessário para fortalecer a moeda única. Ele observou que países com problemas podem acessar o fundo de estabilização, mas isso implica aceitar condicionalidades sobre sua política fiscal.

Carlos Aguiar



A superintendente da Suframa, Flávia Grosso, tem torcida garantida dos empresários amazonenses para se manter no cargo. Competente, ela reúne o que de melhor existe na mulher.